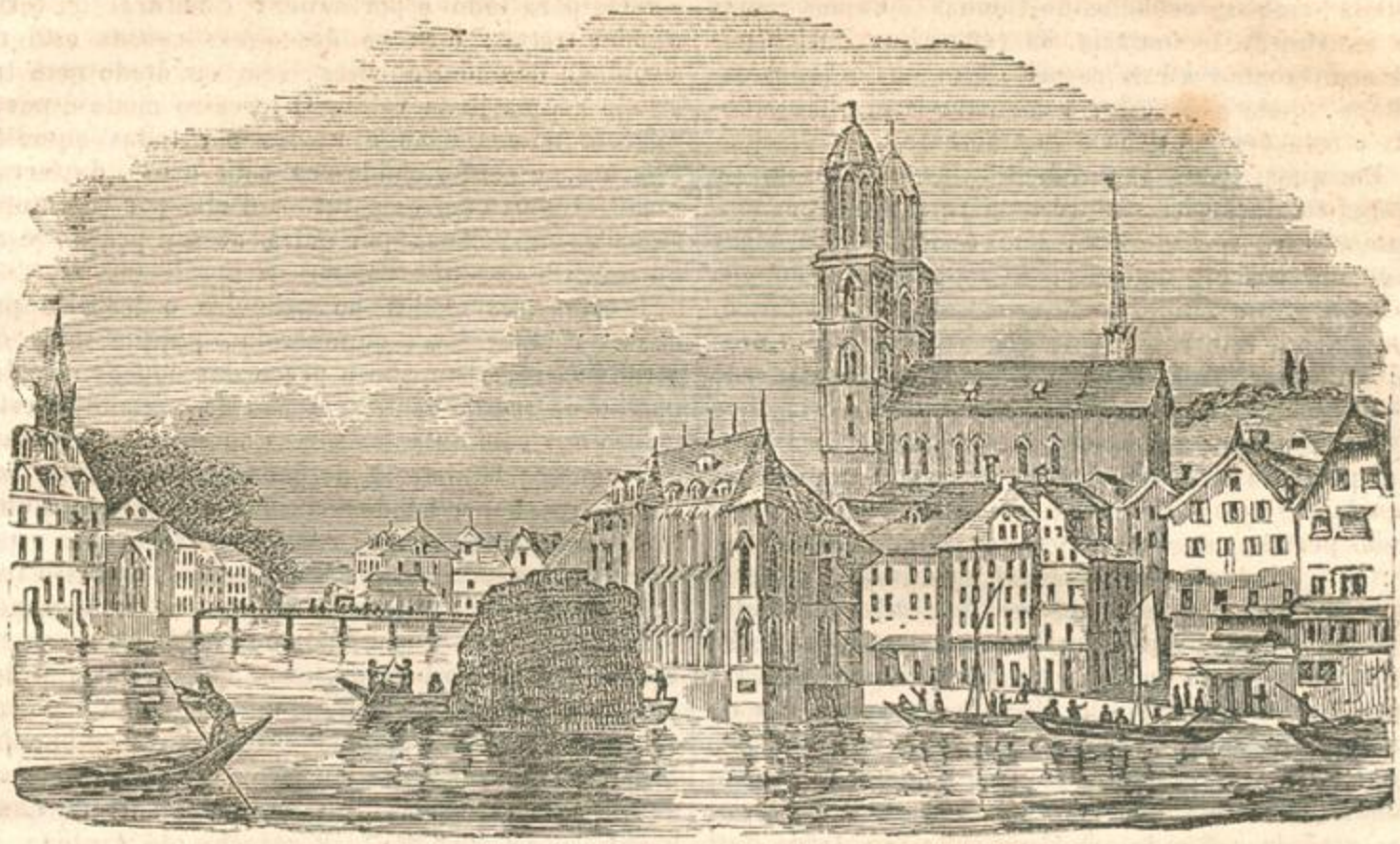


ZURICH NA SUISSA.

O cantão de Zurich, que entra na Confederação Helvetica, está na parte septentrional da Suissa, e confina com o estado soberano e independente, por nome o Ducado de Baden: a sua superficie reputa-se n'umas mil milhas quadradas, e o todo da população na quarta parte de um milhão d'habitantes: seu territorio é aprasivelmente alternado de montes e valles, mas não possue daquelles paizes e scenas magnificas tão caracteristicas de outras paragens da Suissa, tantas vezes descriptas, tão elogiadas, e objecto de incessantes pesquizas e visitas dos curiosos da contemplação dos sublimes espectaculos da natureza: o clima é sem comparação mais ameno que em outros cantões; o torrão, fertil e bem agricultado, abunda em pastagens e em pomares, sem que lhe faltem alguns pedaços de bem povoadas mattas: seus generos de cultura e industria são trigo e vinhos, gados, manteiga e queijo, algodão, seda, linho, laãs, e courama: os habitantes procedem de tronco allemão, e exceptuando duas associações professam a religião calvinista. O governo foi, desde o principio da independencia, mixto d'aristocracia e democracia; reformou-se em 1831, e o acto passado neste anno investiu do poder legislador uma assemblea de 212 membros, 25 dos quaes formam um conselho executivo que é tambem tribunal de apellação final: o governo cobra o dizimo dos productos por fórma de tributo para a renda do cantão.

O lago de Zurich é dos mais formosos e picturescos da Suissa, compensando assim a falta de magestade de suas montanhas. O lago espraia-se em fórma de meia lua, principalmente dentro do proprio cantão de Zurich, e tambem em parte nos de Schweitz e S.t Gall: reparte-o em duas grandes porções o estreito de Rapperswil, gerado pelo prolongamento das terras, que em largura terá menos de um quarto de milha, e sobre o qual ha uma ponte; appresentando assim a particularidade de ser um lago que se divide em duas caldeiras, com a communicação por uma especie de canal pequeno: nas demais partes anda a largura, com algumas variações diminutas, por cinco milhas do paiz: seu maior comprimento é de dez leguas geographicas: as margens que o circuitam são populosas e cultivadas, e os olhos se recream no seu aspecto variado: para alem das eminencias que o encerram, vão-se descobrindo summidades gradualmente mais e mais altas, até a vista embater nas cumiadas das geleiras de Glarus e do paiz dos Grisões: as aguas na maior distancia de suas margens não tem mais de seis pés até duas braças de fundura; e são tão cristallinas que podem ver-se os cardumes abundantes dos peixes, que nellas se criam.

A cidade de Zurich é das mais importantes da Suissa; está na extremidade norte do lago, n'um valle apertado entre outeiros a 36 milhas de distancia de Constança e a 55 de Berne: é no todo e vista de fóra mui agradavel, postoque as casas sejam edificadas á antiga.—Ha poucas terras da grandeza de Zurich, e de tão limitada população (14:000 habitantes) que brilhem tanto na cultivação litteraria: ha cinco seculos que não tem desmentido o credito de seus naturaes no progresso do humano saber: citaremos somente os nomes de Conrado Gesner, de Salomão Gesner (::), de João Gesner, de Lavater o famigerado physionomico, de Hirzel, de Pestalozzi o incansavel zelador da instrucção da infancia. A bibliotheca publica contem setenta mil volumes: ha eschola de surdos-mudos, outra para cegos, sociedade de physica e historia natural, com o nome de — *Associação dos investigadores da natureza*, de que é socio o nosso distincto medico e professor, o Sr. Bernardino Antonio Gomes; ha fóra estes estabelecimentos a aula militar, o collegio medico, a academia dos artistas, a de musica, e

(::) Este é o escriptor moderno mais excellente no verdadeiro *estilo pastoril*: de seus idyllios temos duas versões, a de Joaquim Franco de Araujo Barbosa, e outra um pouco mais moderna [de 1812] em verso heroico por José Freire de Pena Roxo: o poema « *A morte d'Abel*, anda traduzido em prosa, e assim « *O primeiro navegante*; são retratos de morte-côr.

outra intitulada Associação da utilidade publica da Suissa, muitas escholas de linguas e varios ramos da instrucção secundaria. Já vemos que Zurich póde envergonhar a este respeito algumas cidades capitaes, dada a necessaria comparação de habitadores e relações politicas e commerciaes.

Em quasi todas as povoações que se presam de antiga fundação ha sempre uma paragem, um monumento de recordações, que é o primeiro logar indicado aos estrangeiros, se estes d'antemão não se acham prevenidos pelo orgão da fama publica. Em Zurich este residuo da gloria passada é o arco de Guilherme Tell. Diz um viajante muito moderno —«Entre outros logares credores de observação e noticia, visitei o arsenal, e ahi recebi uma lição que prostrou o meu orgulho, tentando menear as espadas, e vestir as armaduras, que me mostraram como pertencentes aos guerreiros d'antigas epochas: pertendi tambem, por especial permissão, suster e atesar o arco, que dizem ser de Guilherme Tell; e nessa occasião me appresentaram a propria flecha que atravessou a maçaã mandada collocar pelo tyranno sobre a cabeça do filho do heroe popular da Suissa. Não sei qual era a rijeza muscular de Tell, mas posso asseverar que para os homens da era em que vivemos seria necessario uma machina para puxar a corda a fim de arrojar a setta, ou dardo mui pesado, que tinha por alvo uma maçaã: o caso é que as maçaãs de então poderiam avultar tanto como as aboboras melhor creadas.

Todos os que passeam o territorio de Zurich gabam á porfia a diligencia e aptidão dos naturaes na cultura dos campos, e affirmam que nas terras de pão, nas hortas, nos arvoredos, nos tapigos, até no cuidar das flores, ha um esmero, que demonstra aperfeiçoada intelligencia e habitos trabalhadores; igual é a sollicitude em preservar de damnos os plantios e semeaduras; por exemplo, se um caminho vai por meio de uma terra de pão ou lateralmente, não ficam as beiras da seára expostas a ser arrancadas ou espesinhadas pelos que passam; na orla da trilha faz-se um tapume de caniços e ramos d'arvores com estacas arrimadas em convenientes intervallos: nem as cavalgaduras roem as plantas, nem o passageiro descuidado ou malfazejo as damnifica.

João de Barros, Luiz Mendes de Vasconcellos, e o commercio da India.

João de Barros (*) define assim os tres modos de commercio que tinhamos com a India; — «O pri«meiro é, quando se faz nas terras, e senhorios «acima nomeados, que houvemos por conquista, «contratarmos com os povos da terra, como vas«sallo com vassallo de um senhor, cujos direitos «das entradas e sahidas são da coróa deste reino. «O segundo modo é, termos contractos perpetuos «com os reis e senhores da terra de a certo preço «nos darem suas mercadorias, e receberem as nos«sas, assi como está assentado com os reis de Cana«nor, de Challe, de Cochim, de Coulão, e Cei«lão, os quaes são senhores da flor de toda a es«peciaria, que ha na India. E porem este modo «de contractar é somente ácerca das especiarias, «que elles dão aos officiaes d'elrei, que alli resi«dem com suas feitorias para carga das náus, que «vem a este reino; e todavia outras cousas, que «não são especiaria, estas taes são livres e com«muas para todo o portuguez, e natural da terra «poder tratar; o preço das quaes cousas está na «vontade dos contrahentes, sem ser atado nem ta«xado a uma justa valia. O terceiro modo é nave«garem nossas náus e navios por todas aquellas «partes, e conformando-nos com o uso da terra, «contrahimos com os naturaes d'ella por commuta«ção de uma cousa por outra ao seu preço, e ao «nosso.»

(*) Dec. 1.ª P. 2.ª cap. 1.º pag. 18 e 19.

D'estes tres modos ao primeiro e terceiro podemos chamar livre commercio, porque mais ou menos o era, visto que o preço das cousas não dependia de regulamentos, senão da vontade e estimação dos commutantes; mas ao segundo havemos de chamar commercio de monopolio, porque em vez de receber a lei do mercado, o sujeitava a uma taxa ou lei anterior. E consistindo este nas especiarias, ingrediente essencial de todo o nosso trafico das colonias, pode-se asseverar, sem grande escrupulo, que o que faziamos na India, era escravo. Que artigos permutava? O cravo das Molucas; a noz e massa de Banda; a pimenta e gengibre do Malabar; a canella de Ceylão; o ambar das Maldivas; o sandalo de Timor; o bejoim do Achem; as teccas e couramas de Cochim; o anil de Cambaya; o páu de Solor; os cavallos da Arabia; as alcatifas da Persia; as sedas, damascos, almiscar, lavores e porcelana da China; os estofos de Bengala; as perolas de Kalckar; os diamantes de Narsinga; os rubis do Pegu; o ouro de Çamatra e Lequio; e a prata do Japão. Que freguezes tinha? Toda a Europa. Reis, principes, potentados e seus vassallos, banqueiros, fabricantes, e commerciantes de grosso trato, ricos homens e infanções, e toda a aristocracia d'esses tempos, dignidades ecclesiasticas, principaes das villas e cidades livres, cabeças das corporações poderosas, e mulheres da casta nobre e das classes ricas procuravam com avidez as producções asiaticas. Era uma mania universal de que ou a pobreza ou a grosseria isentava apenas o mal trapilho, o peão, e o fidalgo campesino. — Veneza, a *rica*, a rainha dos mares, a monopolista dos mercados, a burgueza orgulhosa do Adriatico, a banqueira das nações, a cidade magnifica que erguia palacios e templos de marmore, em quanto o resto da Europa se povoava de choças e de castellos feudaes, devia em grande parte o seu predominio aos productos da Asia. Que systema economico e commercial era o seu? inteiramente differente do nosso no ponto mais importante. Veneza, estado livre, mesmo na epocha em que abraçando o regimen exclusivo, murava o seu commercio, como a mais regular cidadela, de privilegios e protecções, permittia ao ultimo dos seus cidadãos o exercicio mercantil, sem nenhuma reserva, nem restricção, que essas eram somente contra estrangeiros. E nós, ao contrario, na transição que então faziamos de governo mixto para fórmas que quasi entravam pela raia da monarchia absoluta, tinhamos encorporado na coróa a propriedade e senhorio do commercio, com detrimento do povo, e dos direitos e interesses nacionaes. Não se esquecia Veneza da industria e da riqueza fabril, em quanto o pavilhão de S. Marcos corria os mares em demanda da riqueza commercial: e nós, todos embebidos no trafico colonial, despresavamos por elle as manufacturas, e o que mais é, a lavoira; e seguiamo-lo por mero impulso de cubiça como especulação aleatoria, sem nor-

ma fixa, sem calculo, sem previdencia, sem assento de alicerces que lhe assegurassem duração.

Que juizo formava Barros deste nosso systema commercial? Apreciava elle devidamente a lição e exemplo de Veneza? Das Decadas não é facil deprehende-lo. Seria reserva dictada pelo melindre da sua situação de empregado publico, e escriptor do governo? Receio de deprimir o facto mais transcendente da nossa historia? Temor de malquistar-se com a fidalguia tão interessada, segundo o auctor inculca, na *veniaga* da India? Discernimento de artista que procura mostrar o seu quadro na attitude mais brilhante, e mais plausivel, disfarçando manchas e deformidades do original? Sujeição ao seu plano de historiador que desejava realçar um empenho de religião e gloria, sem distrahir-se para as considerações, propriamente chrematisticas, da empreza? Ou proposito de as remetter para obra mais adequada — a sua *Economica*, que não chegou a ver a luz da estampa? Transportemo-nos, nós, homens deste seculo prosaico, positivo e calculador, ao seculo de aventuras e de encantamentos em que elle vivia: cerque-nos, como a elle o cercava, uma densa atmosphera de preoccupações populares e erros politicos: cheguem até nós o estrepito que elle ouviu daquellas acclamações da multidão no primeiro desembarque do descobridor das Indias; o alvoroço da côrte; o regozijo, tão contagioso, das festas de todo o reino; o enthusiasmo trasbordando de Portugal para toda a Europa, e della refluindo em torrentes para Portugal; depois o clamor de nossas victorias resoando do Ganges ao Tejo; no Tejo — o espectaculo magnifico das riquezas do Oriente, e dos navios e nações estranhas admirando a nossa fortuna, e tributarias ao nosso mercado; a sensação intima d'um povo, pobre e fraco havia pouco, de repente levantado ao fastigio da dominação e da opulencia; e quanto viu, presenciou e sentiu naquella epocha de heroismo e poesia o nosso historiador — que a perspicacia de economistas e homens d'estado, de que blasonâmos, nos fallecêra e nos achâramos actores e espectadores d'aquelle drama tão novo e variado, como elle se achou. Explicação natural do seu silencio, se lho podêmos chamar, ou do seu erro se lho podêmos attribuir.

Diz-se, bem o sabemos, que antes da segunda expedição de Vasco da Gama, no anno de 1502, se posera em consulta o negocio da India, e que a maioria do conselho d'elrei D. Manuel repugnára ao proseguimento da conquista. Lembrava que de treze náus com que partíra, havia dois annos, Pedro Alvares Cabral, quatro se abysmaram no fundo do mar com a gente que levavam, assaltadas, como o foi toda a armada, por uma tempestade horrorosa na travessa entre a costa do Brasil e o cabo da Boa Esperança. Lembravam as traições do Çamorim; os perigos e trabalhos de mar e terra que experimentára o navegador portuguez; o acanhamento do reino e de seus recursos; a vastidão e difficuldade da conquista; o odio e poder dos mouros: prevaleceu, porem, o voto contrario, porque por elle se decidiu D. Manuel. Fossem inspirações de Deus, como quer João de Barros, ou motivos menos sublimes que determinassem elrei a perseverar na empreza, a empreza foi por diante com applauso desse mesmo povo que antes tinha sido prodigo de murmurações contra os primeiros trabalhos e tentativas do infante D. Henrique.

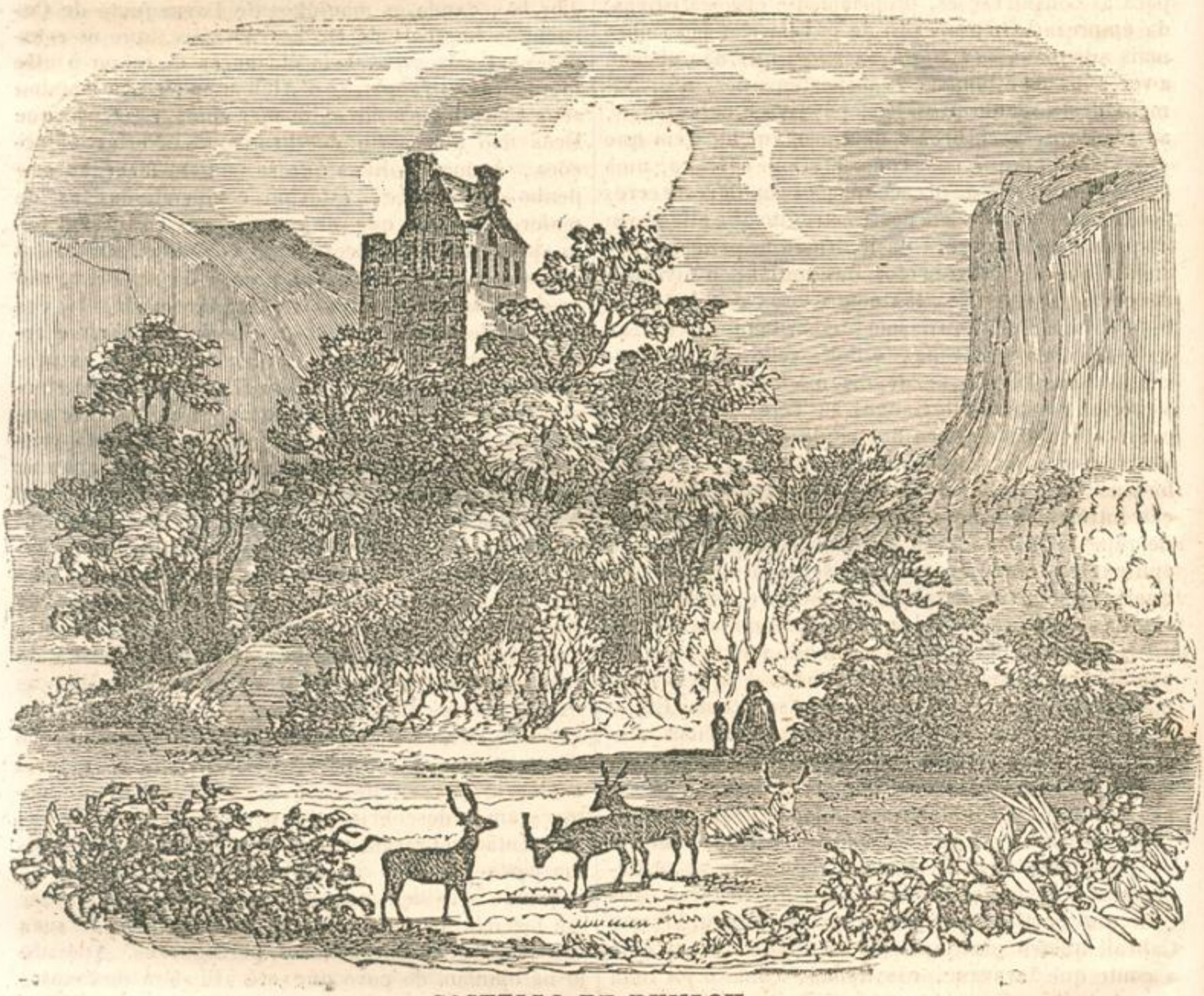
E todavia essas murmurações, entre outras de pouca monta para o tempo de hoje, estribavam em um fundamento e rasão mui grave; porque diziam o povo e outras pessoas contrarias á empreza: — (**) «Se ao infante parece que como ora achou estas duas ilhas *[Porto Santo, e Madeira]* que o tem mais elevado neste descobrimento, póde achar outras terras hermas, grossas, e fertiles, como dizem que ellas são, terras e maninhos ha no reyno pera romper, e aproveitar sem perigo de mar, nem despezas desordenadas. E mais temos exemplos contrarios a esta sua opinião, porque os Reys passados deste Reyno sempre dos Reynos alheios pera o seu trouxeram gente a este a fazer novas povoaçoens; e elle quer levar os naturaes Portuguezes a povoar terras hermas per tantos perigos de mar, de fome, e sede, como vemos que passão os que lá vão. Certo que outro exemplo lhe deo seu Padre poucos dias ha, dando os maninhos de Lavra junto de Coruche a Lambert de Orches Alemão, que os rompesse, e povoasse, com obrigação de trazer a elle moradores estrangeiros d'Alemanha; e não mandou seus vassallos passar além mar romper terras, que Deos deo por pasto dos brutos.» — Nestas objecções, as mais solidas que se podiam fazer ao empenho do infante, estavam compendiadas as de maior momento que os economistas costumam hoje oppôr aos estabelecimentos coloniaes. Os gastos maiores que os lucros, na phrase da sciencia, são as *despezas desordenadas* na linguagem singela dos homens do seculo 14.° O erro de ir descobrir e arrotear terras estranhas, deixando incultas as provincias da metropole, alli está notado. O inconveniente de derivar para aquellas os cabedaes e população de que o paiz natal precisa, alli está previsto. E até alli se signala a vantagem de chamar os capitaes e povoadores estrangeiros a supprir o *deficit* dos proprios, quando faltam. Mas toda esta opposição cahiu diante da fortuna do infante, e da esperança de grandes proveitos que começou a nascer com a volta e a feliz viagem e successo de Nuno Tristão. Tão justos tinham sido os queixumes da gente que vendo-se a si e ao reino exhaustos de recursos com as guerras passadas de Castella, as expedições de Ceuta e Tangere, e outras despezas, receava novos vexames e exacções da continuação das tentativas maritimas; como depois foi natural a alegria quando do anno de 1443 em diante começaram os descobrimentos a prometter melhor safra. Então cobraram alento os animos, e pela mesma porta por onde iam sahindo as aprehensões ia entrando a cobiça á medida que se viam engrossar em fazenda com os retornos que traziam de suas explorações os navegadores portuguezes. Apoiado já na opinião do povo que até alli fôra desfavoravel á empreza; na doação perpetua que o papa Martinho 5.° concedêra á coroa de Portugal de toda a terra que se descobrisse por o Oceano, do cabo do Bojador até ás Indias, comprehendendo-as; no reforço, muito valioso naquella idade, de bullas e indulgencias de Roma; e agraciado com o quinto da conquista e o direito de conceder licença ou nega-la aos que lá desejassem passar — o infante D. Henrique, com mais desassombramento, foi porfiando em seu nobre empenho até o anno de 1460, em que falleceu naquella mesma villa, que tomára nome do seu titulo real, e naquelle mesmo promontorio que tinha sido theatro, para sempre memoravel, de suas fadigas e meditações. Por sua morte continuou Affonso 5.° com mais frouxidão ou me-

(**) Barros Dec. 1.ª P. 1.ª cap. 4.° pag. 33 e 39. Edição de 1778.

*

nos habilidade a esteira dos descobrimentos, até que em 1481 passando o sceptro com a alma e o pensamento do primeiro descobridor ás mãos vigorosas de João 2.°, este fundou na Africa o imperio portuguez, e legou ao seu successor abundantes materiaes para funda-lo na Asia. D. Manuel achou, subindo ao throno no anno de 1495, quasi prompta a primeira armada, que havia de ir devassar a India; designado para commanda-la o mesmo Vasco da Gama que depois a commandou; memorias e regimentos para lhe servirem de guia na execução deste projecto tão vasto; e sobretudo achou descoberto o cabo da Boa-Esperança. Se de um foi a grande intelligencia no conceber e no preparar; de outro monarcha foi a fortuna inaudita no conseguir e no executar. D. Manuel pronunciando-se no conselho por a segunda expedição do primeiro almirante, apesar de combatida, cumpria a verba de um testamento, rendia homenagem á memoria de um principe illustre, seguia a direcção do enthusiasmo popular, e acaso a do seu proprio: nem era possivel, mas que o desejasse, abandonar na presença de um revez, que era o primeiro e que nem era revez, a empreza com tanta gloria começada. E no que toca a interesse, tamanho tinha sido o ganho das mercadorias que levou a armada de Pedro Alvares, que em muitas cousas com um se fez de proveito no retorno sinco, dez, vinte, e trinta até sincoenta. *[Continuar-se-ha].*

A. d'O. Marreca.



CASTELLO DE DUNLOH.

Mui celebrados são os lagos de Killarney pela belleza da paizagem, e por muitas particularidades que em sitios similhantes raro ou nunca se acham reunidas. — Os lagos são das obras naturaes espalhadas pelo mundo as que mais prendem a attenção do homem, porque de ordinario os acompanham montanhas, rochedos, e todos os varrados accidentes de terreno e de aggregação d'aguas, que podem lisongear a vista e encantar a imaginação. Sem fallarmos dos assombrosos lagos da America, nem nos de outras grandes divisões do globo, a nossa Europa tem os mui notaveis e frequentados da Suissa; alem delles muitos na sua região septentrional: na ilha da Graã-Bretanha são fallados os da Escocia, e na sua visinha os de Killarney, de que daremos aqui succinta noticia, porque talvez por occasião de algumas gravuras teremos de voltar ao mesmo assumpto.

Quasi no centro do marítimo condado de Kerry, que com uma pequena porção do de Cork forma a extremidade sudoeste da Irlanda, são situados os lagos de Killarney tendo por limites uma cordilheira d'altas serras; o espaço entre a cadeia destas e o oceano para o poente comprehende mais de 30 milhas inglezas quadradas e é todo occupado por outras montanhas ainda mais alcantiladas, entre as quaes se eleva a mais alta de toda a ilha. — Todo o montanhoso districto de Kerry é abundante em lagos, alguns dignos de curiosa attenção, como o que está no cimo do monte Mangerton, alguns cen-

tenares de pés acima do nivel do mar, e a que chamam *a poncheira do diabo*: depois de chuvas fortes rebenta delle uma copiosa torrente que se precipita pela montanha abaixo em successivas catadupas, visiveis a distancia de algumas milhas pela alvura dos cachões d'espuma. — Mas a todos sobrepujam em extensão, belleza e singularidades, aquelles de que tratamos agora, e que podem considerar-se como vastos receptaculos das aguas do territorio circumvisinho, fornecidos pelos sobejos dos outros lagos, e pela infinidade de regatos dos montes adjacentes: a escoante unica desta bacia immensa é o cristallino e impetuoso rio Laune, que vai metter-se no oceano na bahia de Dingle.

São tres os lagos de Killarney: o denominado *superior*, enchendo um valle fundo, é um formoso lençol d'agua, com 3 milhas ingl. de comprido por tres quartos de milha de largo, por todos os lados cercado de serras de dois a tres mil pés d'elevação, á excepção de um ponto unico ao nascente por onde despeja as aguas n'um tortuoso curso de quasi legua entre as encostas de Glená e o escarpado monte Turk: varias ilhas o salpicam povoadas de viçoso e basto arvoredo, que com sua ramagem amena contrastam agradavelmente com a geral esterilidade das serras immediatas: comtudo na extremidade do sul ha um tracto consideravel de chão tomado por uma floresta natural de carvalhos; e o canal, que mencionámos e vai dar ao *lago inferior* passa por um desfiladeiro coberto de mattas fechadas. A meio caminho entre as extremas do canal observa-se um notavel penhasco desamparado, com mais de mil pés d'altura, a que chamam *ninho da aguia;* neste sitio ha echos mui singulares pela prolongação e clareza dos sons, ou repitam as suaves notas de musica, ou os estouros das armas de fogo. Se, por exemplo, se toca uma trompa parece que se ouve um concerto de muitos instrumentos com sons mui argentinos e quasi celestiaes, que se crê sahirem do interior das cavernas, de traz das arvores, do grosso do penedo; e se acontece soprar uma viração branda parece que a musica vem do ar. No lado opposto do rio ha um outeirinho onde os curiosos assentam uma peça de pequeno calibre, que costumam trazer da proxima cidade de Killarney n'uma canóa; é estupendo o effeito do prolongado rebombo do tiro, semelhando trovoada.

Emergindo do desfiladeiro, a corrente espraia-se no *lago inferior* que tem 7 milhas de comprimento e 3 de largura bordejando as ladeiras orientaes da cordilheira de Tomies e Glená, a qual desce abrupta á beira occidental do lago, e toda ella é revestida de mui ricas selvas espontaneas, de carvalhos, freixos, pinheiros, amieiros, e faias, intermeadas de avelleiras, espinheiros, teixos, azevinhos e medronheiros: por um barranco rasgado por entre estas mattas desce o rio O'Sullivan e faz uma cascata de 70 pés d'alto sobre a praia; do outro lado as margens de terreno d'alluvião retalham-se em promontorios e ilhas, onde crescem os medronheiros com extraordinario vigor de vegetação. A cidade de Killarney fica situada em planicie, obra d'uma milha distante da praia oriental. O selvoso promontorio de Muckruss, entrando pelo lago mais de milha e meia, separa aquella porção, que forma o terceiro, a que chamam *lago Turk* em rasão de banhar a falda da montanha do mesmo nome: duas cascatas aqui vem cahir, sendo a mais consideravel a já mencionada da *poncheira do diabo*. — Dão realce á paizagem do *lago inferior* as paredes de dois arruinados templos, e os castellos de Ross e de Dunloh: — obrigados pelo desenho, que antepozemos a estas linhas, daremos conta deste ultimo.

Logo depois de sahir do lago o rio Laune é atravessado por uma ponte, proximo á qual jaz o castello de Dunloh, resto d'uma antiga fortaleza, que se julga originariamente construida para guarda do rio e desfiladeiro contiguo na cordilheira de montes; está sobre um pequeno outeiro conico, cuja corôa foi arrasada para lhe fazer assento; esta posição a tornava forte e mui defensavel, antes da introducção da artelharia, pois que a esta arma deveu a sua ruina durante as guerras modernas da Irlanda. A parte de toda a construcção que subsiste de pé, pequenina porção da original fabrica, é uma torre quadrada, convertida agora em morada particular, que offerece mais alojamento e commodidade que é d'esperar do seu exterior aspecto: por causa da bastidão dos bosques que cobrem o outeiro é mui limitada a vista desde as janellas, sem que se desfructe o picturesco do lago e arredores, todavia compensa-se este defeito com o magnifico painel que se goza do eirado guarnecido de ameias; dessa altura são patentes o lago, e as voltas serpeantes do rio Laune. Representa a nossa gravura o arruinado castello, como se avista das margens do rio, apparecendo em distancia o desfiladeiro ou quebrada nas montanhas, que antecedentemente nomeámos. Este passo de Dunloh é selvatico e medonho; o seu aspecto faz peso no coração e destroe as graciosas imagens recebidas á borda das frescas aguas de Killarney.

Arboricultura.

Alem do encargo, que tomámos voluntariamente, de vulgarisar as noções praticas, que podem concorrer ao aperfeiçoamento d'algum ramo da cultura ou da industria, accresce uma rasão especial para darmos nova publicidade ás advertencias, que em seguida estampâmos, destinadas a ensinar aos camponezes o melhor modo de converterem os zambugeiros sylvestres em fructuosas oliveiras; e vem a ser que esta breve e clara instrucção, tendo sido composta e dada á luz em 1813 pelo venerando Prelado do Algarve, D. Francisco Gomes do Avellar, para emmestrar os agricultores da sua diocese, é um documento comprovativo do que asseverámos a pag. 269, col. 2.ª, na biographia do mesmo illustre varão. = Devemos o exemplar, que reimprimimos aqui, ao zêlo que manifesta pelo progresso dos conhecimentos uteis o Ex.mo Sr. Bispo Eleito d'Aveiro.

Instrucção para a enxertia dos zambugeiros (1).

Ha differentes modos de enxertar a oliveira em zambugeiro: a enxertia de garfo é a melhor: nesta se devem considerar principalmente quatro cousas: o zambugeiro, o garfo, a enxertia e o tempo.

O zambugeiro (2) deve limpar-se com ferramenta de bom córte de tudo quanto delle cresce, tres

(1) O fim desta instrucção é unicamente ensinar ao homem do campo o mais necessario, e por isso se evitaram as palavras scientificas: os instruidos tem auctores, que o povo não póde haver, nem ler, nem entender.

(2) Esta arvore utilissima nasce por muitas causas espontaneamente em todo o Algarve com muita abundancia; mas cortam-se ao desmoitar, arrancam-se, e deixam-se roer do gado, e por isso muitas se perdem. — Cultivadores, cuidai dos zambugeiros, abrigai-os do gado com silva, ou se-

(3) mezes antes de ser enxertado, deixando-lhe os ramos principaes por cima do logar em que se deve enxertar, ou no acto da enxertia. Para ser capaz de se enxertar deve o zambugeiro ter, na altura de seis ou (4) sete palmos, tres (5) pollegadas de diametro, o que se saberá atando-se-lhe ao redor um fio que se ache ter nove pellegadas de comprido.

O garfo (6) deve ser de um palmo, (7) incluindo neste comprimento o aparo, que deve ter tres pollegadas: deve ser de tres annos para cima, o que se conhece quando a casca começa a fazer-se escura ou preta: deve ser cortado de ramo, e nunca de pimpolho: deve ter a casca lisa e pequenas alturas no que fica livre (8) do aparo, as quaes são os olhos por onde rebenta: não deve haver no garfo sècco algum, nem outro qualquer principio de molestia: deve-se proporcionar o garfo em grossura ao cavallo ou cabeça do zambugeiro; havendo ramos cujas folhas e gomos estejam roidos em parte, ou menos viçosos, delles se cortem os garfos com preferencia. O aparo deve fazer-se com canivete estreito, e muito afiado, para se poder fazer logo no principio o córte muito boleado, chegando-se ao amago, ou miolo do garfo; porque assim une, péga, e solda melhor; e desde o miolo deve continuar o aparo até o fim, de maior a menor, muito liso, e sem altos e baixos, ficando a casca maior que o sabugo grossura de duas linhas, de cuja extremidade se deve cortar mui levemente a pelicula para não arregaçar: deve raspar-se muito ao de leve a pelicula do aparo nos dois terços para a sua extremidade: aparado o garfo deve-se metter immediatamente, porque o zambugeiro deve estar limpo, cortado e preparado antes de se aparar o garfo.

Corte-se o zambugeiro com ferramenta (9) de pouco peso e muito afiada no logar em que estiver mais são, e a casca fôr mais lisa, seis ou sete palmos acima da terra: se o zambugeiro fôr nesta altura de grossura menor de duas pollegadas e meia de diametro, ou se córte mais abaixo, ou se deixe para outro anno (10): alise-se o córte, principalmente pollegada e meia proximo á casca: ate-se a cabeça na sua extremidade com duas voltas de tamiça e laçada, para não abrir muito a casca ao metter o garfo (11): metta-se uma cunha verde, feita do mesmo zambugeiro uma pollegada no logar onde deve entrar o garfo, o qual logar deve ser onde o zambugeiro fôr mais liso, mais verde, e mostrar maior elevação, vinda da raiz, ou de distancia consideravel, e não por excrescencia: tire-se a cunha com a mão esquerda, metta-se a ponta do garfo com a direita, pegue-se depois no garfo com as duas mãos e vá-se mettendo perpendicularmente com muita suavidade até unir o principio do aparo com a cabeça do zambugeiro, e assim se devem metter dois, tres, ou mais garfos (12), segundo fôr grossa e lisa a cabeça: continue-se com voltas de tamiça a fazer unir a casca ao páu do zambugeiro até meia pollegada mais abaixo do logar em que acabam as pontas dos garfos mettidos: ponha-se em cima do córte, e ao redor dos garfos barro amassado, mas pouco humido: cubra-se o barro com farrapo, ou capacho velho, tendo muito cuidado em não abalar os garfos ao tempo de pôr em cima do barro o farrapo ou capacho velho; e para isso é bom dar um golpe no capacho no direito do garfo: segure-se tudo com tamiça (13), e ponham-se nas extremidades dos garfos umas pequenas bolas de barro amassado.

No Algarve o tempo proprio para enxertar a oliveira em zambugeiro, principia no crescente da lua de março, e finda no cheio da lua de maio, (14) preferindo sempre o crescente e cheio ao novo e minguante da lua; por mostrar a experiencia, que enxertando-se nesta conjuncção se fazem melhor as arvores, e são mais copadas: o tempo sècco é melhor para se enxertar do que o humido; porem o essencial é que não chôva quando se enxerta, e que fique o enxerto abrigado dos primeiros insultos do calor e humidade. Tem mostrado a experiencia que não pegam tanto os garfos mettidos com levante, e por isso é melhor não enxertar com este vento: não é bom enxertar-se quando o zambugeiro tem viço de mais; porem não se póde fixar o tempo, porque depende este do sitio, e do anno mais ou menos temporão: conhece-se estar demasiadamente viçoso o zambugeiro quando cho-

---

ves, e não desprezeis esta abundante fonte de riqueza, e regalo.

[3] E' necessario este tempo para que a arvore tenha dirigido o seu esforço sobre aquelles ramos, e cortando-se estes, o faça sobre os garfos; e succede o mesmo, mas com menos generalidade, limpando-se, e cortando-se no acto da enxertia.

(4) O palmo deve-se julgar de oito pollegadas: e quando se falla em certo numero de palmos entende-se pouco mais ou menos.

(5) Se tiver menos meia pollegada, nem por isso deixe de se enxertar, e o mesmo digo se fôr mais grosso; porem tendo mais de seis pollegadas de diametro, corte-se mais abaixo; porque póde não pegar, e se deve tornar a enxertar nos ramos que deitar; e deve attender-se á altura, em que depois hãode ficar, e é preciso attender a altura delles.

(6) Póde o garfo ser direito, torto, e ter esgalhos; com tanto que seja são, direito, e bem lizo quatro pollegadas da parte do aparo.

(7) O palmo deve-se medir desde o principio do aparo até o fim do garfo, entrando no comprimento os esgalhos que o garfo tiver.

(8) Distinguem-se as bolhas, que são olhos não rebentados, das que são excrescencias, ou matrizes de insectos, em estas terem a côr mais escura e sêcca, e aquellas a mesma côr da casca.

(9) Reprova-se inteiramente o uso da serra; porque a fricção e a violencia do córte da serra aquece, e molesta as fibras do zambugeiro até muito abaixo; e segue-se, ou não pegarem os garfos, ou fazerem-se mal, e vagarosamente, ainda que se adoce o corte com ferramenta afiada.

(10) Enxertando-se os zambugeiros ao pé do chão, ou pouco mais altos, pegam bem, ainda que sejam delgados; porem ficam os enxertos muito expostos aos gados, e por muitos annos, porque custa muito eleva-los a uma altura racionavel, e se se enxertam mais altos, não se fazem bem, e nunca são arvores copadas, e vigorosas: o industrioso agricultor defenderá com cercadura, ou com silvado as arvores baixas; e sem arte não póde haver agricultura.

(11) Depois de atadas as duas voltas de tamiça, é que se deve aparar o garfo, para se metter logo que fôr aparado.

(12) Seria desnecessario metter mais de dois garfos, se houvesse certeza de pegarem ambos; mas nem por isso se devem metter tantos, que fique a cabeça debilitada; e darei o conselho de nunca se metterem mais de tres garfos.

(13) Faz-se menção só de tamiça, porque se escreve para o Algarve; n'outra qualquer parte deve a ligadura ser de cousa que se não enterre na casca, e córte as fibras, e canaes da vegetação, e menos de linho ou guita, que incha com a humidade.

(14) Tambem se enxertam os zambugeiros em junho e julho, e pegam; porem não se fazem porque são grandes os calores sobre os gomos que rebentam dos garfos: está a vegetação muito adiantada; os gomos que escapam do calor não se vigorisam, e fazem-lhes tambem os gelos grande damno.

ra ao tempo de se cortar, e a casca se separa do páu, quebrando-se facilmente, vendo-se tambem abundancia de suco ao separar-se.

Concorre muito para a maior utilidade de qualquer ramo de cultura, averiguar o cultivador com muito cuidado qual é a arvore que melhor se faz no seu campo, e melhor produz; pois é certo que em um terreno prosperam certas arvores, e em outros outras, e na mesma especie produz mais certa qualidade. Em todo o Algarve se dão bem as oliveiras, com mais ou menos producção, segundo o terreno e cultura: as melhores qualidades são, em primeiro logar, maçanilha; em segundo, gallego redondo e comprido; em terceiro, bical e verdeal: a negral é certamente neste paiz de muito pouca producção. É pois muito essencial tirar o cultivador os garfos das melhores qualidades, e das mais proprias para o seu terreno.

De pouca ou nenhuma utilidade será enxertarem-se os zambugeiros, se por preguiça, por ignorancia e por descuido se deixarem desfalecer, e perder os enxertos, inutilisar as oliveiras, arruinar, ou perder o fructo. As providencias mais geraes e menos dispendiosas, porém de extrema necessidade, são, arrancar-se ao redor do enxerto todo o matto; cortar-se todas as vergonteas que delle nascerem, não sendo pelos garfos; o primeiro e segundo anno muitas vezes; do terceiro até o sexto duas vezes, uma pelo escuro de maio, outra pelo escuro de janeiro ou fevereiro: é necessario ter cuidado, que certa qualidade de formigas não faça do barro, que se põe sobre a cabeça do enxerto, logar de habitação e creação; porque nesse caso é preciso deitado logo fóra para o enxerto se não perder: do sexto anno por diante deve o enxerto ser tratado como oliveira. Esta deve ser lavrada ou cavada todos os annos; ao menos de dois em dois annos deve ser limpa no escuro de janeiro ou fevereiro de todos os ramos inuteis, deixando os que ficam bem separados, para que o sol e o ar os penetrem livremente; de tres em tres annos deve ser adubada: se estiver em ladeira, faça-se-lhe socalco quatro varas abaixo do seu pé, se o sitio o permittir, e duas varas acima uma caldeira de vara de fundo e vara e meia de largo, na qual venham findar dois regos, os quaes devem ir alargando á proporção que se forem estendendo, para receberem mais aguas, natas, e despojos dos mattos e gados: encha-se no primeiro anno esta caldeira até o meio de matto miudo, limpe-se no terceiro, e deite-se o contheudo ao redor da arvore antes de se lavrar ou cavar, para servir de adubo.

O precioso fructo desta arvore principia a ser util em agosto, mas deve apanhar-se e salgar-se apenas cahe; aliás o calor o sécca, ou faz apodrecer havendo humidade: no tempo competente não se deve deixar apodrecer em cima, ou debaixo da arvore, como geralmente se faz, seguindo-se daqui dois grandes prejuizos: um a falta da azeitona, que os gados e passaros comem, ou alli sécca; e outro a má qualidade do azeite pela que apodrece: não se póde fixar o tempo do varejo, mas, geralmente fallando, vareja-se a maçanilha, bical e verdeal, quando a maior parte está encarnada, ou preta, e o resto tem côr de cana; a gallega deve estar bem preta para se varejar: deve-se sacudir o fructo com suavidade e modo, para não quebrar muito os gomos, e não como quem se quer vingar da arvore pela sua fecundidade; e para isto é bom que as varas não sejam muito grossas, e as canas de boa grossura podem suprir: nunca se devem varejar as oliveiras com tempo chuvoso, ou humido; porque como estão mais tenras quebram, sentem muito e seguem-se-lhes muitos damnos.

Em todos estes artigos, e na factura do azeite, ha muito mais que notar e providenciar, tudo de muita consequencia; mas nem o tempo, nem a paciencia, nem a pouca actividade dos cultivadores permittem por agora mais; e disto mesmo, inda que pouco, se roga aos mesmos a pratica para sua utilidade, e do publico; pois bem deviam os olhos verter lagrimas de sangue ao ver que por negligencia se perdem tantos bens, que Deus liberalmente espalhou por todo o territorio portuguez, e principalmente no Algarve.

Dona Lucinda Moniz, ou a emparedada de Penacova.

Soláo.

Canto 1.°

Formoso neto de Agar,
Castelão miramolim,
Assentado nas ameias
Do seu nobre Gondelim,
Descantava uma toada
No saudoso bandolim.
Bandolim, leva-lhe as queixas
Do tão triste seu amor,
Leva-lhe os ais, e os suspiros,
As amarguras, e a dor,
Leva-lhe a endeixa sentida
Do mancebo trovador.
Trovador, e cavalleiro,
Nunca em trova, nunca em lança
Houve segundo, que ousasse
De disputar-lhe pujança,
Trovador, e cavalleiro
Por valor, e por herança.
Herança teve o guerreiro
Mui dificil, e arriscada;
Que circunda o seu castello
Gente imiga, e baptisada,
Gondelim, ultima pedra
Da Mauritania domada.
Domada foi Coimbra bella
Com o herculeo torreão,
Domada Louzaã real,
E nas veigas de Lorvão
Monges negros açanhados
De lanças em riste lá estão.
Estão mais perto, e de riba
As gentis cavallarias
De Penacova, a soberba,
Com tão altas galhardias,
Avassalando o Mondego
Sobre negras penedias.
«Penedias de minha alma!»
Murmurava o triste moiro,
«Lá por baixo d'essas rochas
«Escondeis o meu thesoiro,
«Dona Lucinda Moniz,
«De formosas tranças d'oiro.»
D'oiro então nas cordas bellas
Dedilhava o bandolim,
Assomava-se á varanda
Do seu nobre Gondelim,

Deslizava-lhe uma lagrima,
E cantava o triste assim:

*

Dona Lucinda Moniz,
Flor dos muros do christão,
Vem ser moira nos meus braços,
Anjo do meu coração;
Allah! por tua isempção,
Allah! por teus olhos bellos,
Allah! por teu seio niveo,
Por teus doirados cabellos;
Escuta os meigos anhelos
Do rei moiro apaixonado,
A teus fagueiros encantos
Docemente avassalado,
Que já no peito alquebrado
Suspiro externo de amor
Exhalou por te render
O monarcha trovador.
Deixa os cilicios da dor,
Do Propheta abraça a lei,
Vem ser moira nos meus braços,
E rainha do teu rei.
Vaidoso te roubarei,
No Alborah de Mafamede,
Irei depor-te, rainha,
De meus estados na séde:
Nem que o Propheta mo véde
Leixarei de te adorar,
Formosa filha de Christo,
Emparedada sem par:
Venceste o neto de Agar,
Quebraste-me a isempção;
Vem ser moira nos meus braços,
Anjo do meu coração.

—

Canto 2.°

Álerta, álerta, nosso amo,
Temos christãos pela próa,
Muita grita, muito alardo
Lá das partes de Lisboa,
De virotes, e de lanças
Todo o valle se povôa.
Trazem na frente das alas
Desenrolado um pendão,
Que tem: ═ Pola Emparedada,
═ Nobre filha do christão. ═
Ergue-se o rei, toma a lança,
E diz: «Por ella! isso não.»
E cahio sobre os de Christo
Com tão rígidas bravuras,
Que cada bote de lança
Falsava dez armaduras.
«Quero pela Emparedada
«Abrir trinta sepulturas.»
E abriu trinta, e trinta, e cento,
E da lança c'o bastão
Acenou para os vencidos,
Firmou o conto no chão,
E disse: «d'ella, e por ella
Só este meu coração.»
E trepou pela assomada
D'alta montanha fronteira,
E entrou, incolume, as portas
De Penacova guerreira,
E trouxe a emparedada
Sobre os hombros prisioneira.
Tocou de ferro os varões,
Os varões se desfizeram;
Topou rochas desmedidas,
As rochas desapareceram;
Passou por hostes indómitos,
Os hostes ala fizeram.
E levantou-a do alcaçar
Ao mais erguido balcão,
E depó-la sobre um throno,
Rendeu-lhe o sceptro no chão:
«Vem ser moira nos meus braços,
«Anjo do meu coração.»

—

Canto 3.°

═ Dona Lucinda Moniz
Já morreu;
Esse nome tão do mundo
Feneceu.

Podia ser d'alto alcaçar
Castelan;
Quiz antes emparedar-me,
Mui christaã.

O meu vestido grosseiro
De estamanha
Vence o brilho desta purpura
Tamanha.

Senhor rei, quedai-vos moiro,
Se quereis,
Que jámais a Emparedada
Moirareis. ═

*

E o rei moiro ouviu-a quedo,
Ouviu-a quedo e sombrio,
E de si lançou em torno
Um olhar de poderío.
E orgulhoso descubriu-se;
E no turbante luzente
Poisou o gume do alfange
Sobre o doirado crescente;
E disse assim: «Desprezaste
«Minha corôa real;
«E se eu fôr christão comtigo,
«Inda aguardarás por al?»

*

Eis, sorriu-se a Emparedada;
E foi sorrir de condão,
Que fez saltar o crescente
Degolado pelo chão.
E no seio de alabastro
A bella christaã trazia
Um rosario, e uma cruz
Com o nome de Maria;
E assomou-se ao balcão,
E aos guerreiros o mostrou;
E toda a turba descrente
De joelhos se curvou:
E depois, mui amorosa,
Disse ao nobre castelão:
«Vem desmoirar-te em meus braços,
«Anjo do meu coração.»

*

E baptizou-se dest'arte
Todo o infiel Gondelim.
— Quantos christãos, quantos moiros
Fazem uns olhos assim!

J. Freire de Serpa.